ESTADO DE MINAS

Publicado em 17/04/2022 - 05:55

Desafio no campo

O PETRÓLEO E A AGRICULTURA

O impacto da alta dos preços de combustíveis chegou ao campo, mas pequenos produtores de regiões mais pobres, como o Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha, sentem mais os efeitos

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

CORONEL MURTA
9,2 mil habitantes
IDH: 0,627

“O preço do combustível aumentou demais. Quase todo o dinheiro que a gente fatura está indo embora no frete”

■ **José Pedro Aguilar Viana**, de 51 anos, produtor em Coronel Murta, no Vale do Jequitinhonha

IBIRACATU
5,4 mil habitantes
IDH: 0,591

Com o aumento do preço dos combustíveis, o custo das nossas viagens dobrou de seis meses prá cá”

■ **Reinaldo Rodrigues Ferreira**, de 30 anos, produtor em Ibiracatu, no Norte de Minas

BONITO DE MINAS
11,5 mil habitantes
IDH: 0,537

Toda vez que fazemos uma viagem, a gente precisa planejar e aproveitar ao máximo para não ter prejuízo”

■ **Manoel Lopes de Oliveira**, de 60 anos, agricultor e apicultor em Bonito de Minas, na região Norte do estado

IDH BAIXO, PROBLEMAS EM ALTA

LUIZ RIBEIRO

Com o recente aumento do preço da gasolina, os moradores dos municípios mais pobres e isolados do estado, situados no Norte de Minas e no Vale do Jequitinhonha, estão pagando mais caro pelos derivados de petróleo do que a população de cidades mais ricas como Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, que tem o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Minas Gerais, de 0,813. O custo elevado dos combustíveis nos municípios de baixa renda, mostrado pelo **Estado de Minas**, tem peso maior ainda para os responsáveis por levar alimentos à mesa dos moradores desses lugares: os pequenos produtores. Criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o IDH é baseado nos indicadores de educação, saúde e renda.

Os agricultores familiares são impactados pelo aumento dos combustíveis por várias vezes: quando deslocam até a área urbana para vender a produção ou para fazer compras; e também com o reajuste dos preços dos insumos agrícolas, que têm em sua composição matéria-prima oriunda do petróleo. Por serem perecíveis, os hortifrutigranjeiros necessitam ser enviados rapidamente para o mercado consumidor, não podendo ser estocados, o que eleva o custo da logística. A alta dos combustíveis dificulta a vida dos pequenos produtores dos municípios de baixo IDH e também do Projeto Jaíba, maior perímetro irrigado da América Latina, situado no município homônimo, no Norte de Minas.

Um dos que sofrem na pele o problema é José Pedro Aguilar Viana, de 51 anos, agricultor familiar de Coronel Murta (9,2 mil habitantes), cujo IDH é 0,627, no Vale do Jequitinhonha, onde o **Estado de Minas** encontrou a gasolina mais cara no estado: em um posto, R$ 8,49, um real a mais do que valor comum cobrado em Belo Horizonte; e em outro, a R$ 8,59. Na semana passada, um dos postos da cidade “baixou” o preço da gasolina para R$ 8,29 o litro, numa “promoção”. O litro do óleo diesel em Coronel Murta está custando R$ 7,59.

HIANE MAGALHÃES/DIVULGAÇÃO

Em Ibiracatu, no Norte de Minas, o litro de gasolina está custando R$ 8,08; já o do óleo diesel, R$ 7,48

José Pedro tem uma pequena propriedade na localidade de Lorena, distante sete quilômetros da área urbana de Coronel Murta. Ele não possui carro próprio: “Só tenho uma motinha”, diz. Por isso, precisa pagar o frete de um veículo particular toda vez que se desloca até a cidade para vender seus produtos, comprar matérias-primas ou cuidar de outros compromissos.

“O preço do combustível aumentou demais. Quase todo o dinheiro que a gente fatura está indo embora no frete”, reclama o agricultor de Coronel Murta, que também fornece verduras e hortaliças para a merenda escolar, por meio do Programa de Aquisição de Alimentos do governo federal. Ele disse que depois do último reajuste dos combustíveis está pagando em torno de R$ 70 pelo transporte entre Lorena e a sede de Coronel Murta.

“Antes, eu pagava de R$ 25 a R$ 30 de frete”, afirma José Pedro, que tem um terreno de 10,24 hectares e faz o plantio de feijão, hortaliças e frutas em uma área de 3 hectares. O cultivo é viabilizado pela água de uma nascente na propriedade do pequeno agricultor, recuperada há poucos anos em programa ambiental apoiado pelo Serviço de Aprendizagem Rural (Senar).

PLANEJAMENTO Outro pequeno produtor que sofre os efeitos da alta dos derivados de petróleo é Manoel Lopes de Oliveira, de 60, morador de Bonito de Minas, de 11,5 mil habitantes, município norte-mineiro que tem o terceiro pior IDH (0,537) de Minas Gerais. O litro da gasolina está sendo vendida a R$ 7,85 na cidade, enquanto o preço do litro de óleo diesel é R$ 7,35.

Manoel tem uma propriedade de 14 hectares, na localidade de Barreiro Mato, a oito quilômetros da área urbana de Bonito de Minas. Ele se desloca até à cidade, em média, três vezes por semana e faz entregas de casa em casa, vendendo frango caipira, mel, verduras, folhas verdes e outros produtos.

Os deslocamentos são feitos em uma motocicleta, adaptada para o transporte dos hortifrutigranjeiros. “Eu estava pensando em comprar um carro. Mas acabei desistindo da ideia. A gasolina está cara demais”, afirma o agricultor familiar.

Manoel também é apicultor e usa moto para outras atividades do seu dia a dia, como na captura de abelhas no campo. Ele disse que “não tem noção de quanto desembolsa no posto de combustíveis. Mas calcula que gasta em torno R$ 40 por semana com gasolina. “Mas sempre eu vou a Januária (48 quilômetros de Bonito de Minas). Aí, a gente tem que gastar mais ainda com o combustível”, acrescenta o pequeno produtor.

“Com a alta da gasolina, toda vez que fazemos uma viagem para vender alguma coisa, a gente precisa planejar direito e aproveitar ao máximo a viagem para não ter prejuízo”, afirma Manoel de Oliveira. “Se o preço do combustível continuar subindo e não baixar, não vai ter como a gente trabalhar”, completa o agricultor familiar.

‘SEM SAÍDA’ O reajuste dos derivados de petróleo também trouxe complicações para os pequenos agricultores de Ibiracatu, de 5,4 mil habitantes e com IDH de 0,591. O litro de gasolina na cidade está custando R$ 8,08, enquanto o preço do litro de óleo diesel é R$ 7,48.

“O impacto que a gente teve com o aumento do preço dos combustíveis foi alto demais. A renda nossa está sendo muito pouca. Ficamos sem saída”, lamenta Valdinei Gonçalves Mendes dos Reis, de 52, pequeno produtor da localidade de Bambuzal, na zona rural de Ibiracatu. Todas as sextas-feiras, ele se desloca de carro 15 quilômetros, do seu sítio até à cidade, para vender hortaliças na feira livre promovida pela prefeitura.

Ainda em Ibiracatu, o agricultor familiar Reinaldo Rodrigues Ferreira, de 33, da comunidade de Tabuas, vai até à área urbana (distante 10 quilômetros de sua propriedade) uma vez por semana para vender mandioca, laranja, limão e outras “coisas da roça”. Nos deslocamentos, usa uma motocicleta, veículo mais econômico.

Mesmo assim, Reinaldo reclama da alta da gasolina. “A nossa margem de lucro com a venda dos produtos reduziu 50 por cento. Com o aumento do preço dos combustíveis, o custo das nossas viagens dobrou de seis meses prá cá”, alega o sitiante.

Conta chega ao consumidor

Os impactos do reajuste dos combustíveis têm efeito cascata, atingindo os comerciantes de frutas e verduras e chegando ao consumidor final. O reflexo é maior em produtos típicos de determinadas regiões do país e que são transportados por longas distâncias até chegar ao consumidor final em Minas – por isso, tem maior custo de frete. Isso ocorre com a maçã (que vem do Rio Grande do Sul) e com o melão, produzido no Rio Grande do Norte, por exemplo.

O empresário Ricardo Nunes Costa, que trabalha com a venda de frutas e verduras no atacado e no varejo, em Montes Claros, afirma que depois do último reajuste dos combustíveis houve uma elevação de de 10% a 15% dos preços de vários produtos nos sacolões. As maiores altas foram da cenoura, da beterraba, da batata inglesa e do mamão.

O comerciante salienta que o reflexo do aumento dos combustíveis no preço das frutas e verduras é maior nas regiões como o Norte de Minas, que não conseguem produzir o suficiente para atender a demanda e que dependem das mercadorias “importadas” de outras partes do estado e do país.

A empresa dele faz o transporte em caminhões próprios e reclama do aumento dos custos em decorrência da disparada nos preços dos derivados de petróleo. “Há meses, o frete da maçã de Vacaria (RS) até Montes Claros era R$ 5,80 e agora passou para R$ 10 a caixa. O frete da batata inglesa do Triângulo Mineiro até o Norte de Minas custava R$ 8 e passou para R$ 10.”

Ricardo Nunes afirma que, muitas vezes, os comerciantes do setor de frutas e verduras não conseguem repassar o aumento do custo do frete para o preço final das mercadorias. “Estamos em um mercado competitivo. Quando aumenta o preço dos combustíveis, os produtores, tanto os grandes quanto os pequenos, têm um custo de produção elevado. Nós (comerciantes) também perdemos competitividade e margem de lucro. Já o consumidor tem reduzido o poder de compra. Então, todos saem perdendo”, concluí o empresário de Montes Claros.

Ricardo Nunes Costa lembra que os alimentos in natura são perecíveis. Por essa razão, não podem ser estocados e precisam ser colhidos quanto atingem o ponto de maturação e de colheita, devendo ser transportados imediatamente até os pontos de venda. “Essa condição acarreta maiores deslocamentos e mais despesas com frete dos alimentos in natura, que são diferentes, por exemplo, de determinados produtos industrializados, que podem ficar meses estocados ou esperar meses para serem transportados”, explica o comerciante.

O PETRÓLEO E A AGRICULTURA

Para integrantes do projeto de irrigação do Norte de Minas, preocupação é segurar preços, apesar da alta dos custos. "Estamos praticamente pagando para trabalhar", diz um deles

FOTOS: LUIZ RIBEIRO/EM/D.A PRESS

Movimentação na Central de Abastecimento do Norte de Minas (Ceanorte), em Montes Claros. Quarta-feira é o dia da feira livre, oportunidade para os pequenos produtores faturarem um pouco mais

Produtores do Jaíba também padecem

Todas as quartas-feiras, ainda antes do nascer do sol, o movimento é intenso na Central de Abastecimento do Norte de Minas (Ceanorte). É o dia da feira livre na unidade, que permite aos pequenos produtores da região a satisfação de vender a produção e voltar pra casa com algum trocado no bolso. Mas, com o último reajuste de combustíveis, a alegria deu lugar à preocupação e ao receio de prejuízos com o aumento do custo do transporte. Os agricultores reclamam da elevação do custo dos insumos, também consequência do reajuste dos derivados de petróleo, por conta do efeito em cascata na cadeia produtiva.

"As despesas com transporte, adubo e outros insumos subiram demais. Se a gente tiver que repassar o aumento do custo para as mercadorias, o povo vai parar de comer", afirma Gedeon Martins de Souza, pequeno produtor do Projeto Jaíba (situado no município homônimo). Gedeon conta que transporta sua produção em um pequeno caminhão, de sua propriedade, do Projeto Jaíba até Montes Claros (distância de 285 quilômetros).

A cada viagem, carrega batata doce, mandioca,limão e goiaba, entre outras verduras e frutas que produz numa área de 18 hectares no perímetro irrigado do Jaíba. Na Ceanorte, vende as caixas dos produtos para atravessadores ou varejistas, que revendem os produtos para o consumidor final.

O assentado do Projeto Jaíba salienta que o grande problema dos pequenos agricultores com a elevação do preço dos combustíveis sobe é que a categoria não consegue embutir, imediatamente, o aumento de custos do frete nos preços de venda dos seus produtos. "O aumento dos combustíveis foi muito ruim porque antes a gente tinha retorno. Agora, estamos praticamente pagando para trabalhar. Do jeito que as coisas estão indo, aumentando os combustíveis e os insumos, dentro de alguns meses vai faltar mercadoria no mercado, pois os agricultores não vão ter mais condições de plantar. As coisas estão caras demais", alerta.

A reclamação de Gedeon é a mesma de Genilson Santos Pereira, outro pequeno agricultor da comunidade de Planalto Rural, do município de Montes Claros (distante 20 quilômetros da área urbana). Genilson explica que os pequenos produtores não conseguem repassar o aumento do frete para as frutas e verduras por causa da sazonalidade dos produtos agrícolas. Ou seja: nos períodos de safra, os preços das mercadorias baixam em função da lei da oferta e procura.

QUEDA NO CONSUMO "A gente tem que obedecer o preço de mercado. Se não baixar o preço e voltar com as mercadorias pra trás, o prejuízo é dobrado", argumenta Genilson . Ele informou que gastava R$ 60 com combustível para ir até a Ceanorte vender frutas e verduras. Agora, gasta R$ 100 em cada viagem, feita numa picape Saveiro, de sua propriedade.

"O custo de produção está muito alto", diz Gilmar Pereira Silva, outro pequeno produtor de Planalto Rural. Ele vai até a cidade (distância de 20 quilômetros) em carro próprio para vender as verduras que produz. "Antes do aumento (da gasolina), eu gastava R$ 200 por semana. Agora, gasto R$ 300 por semana com o transporte", descreve o pequeno agricultor.

Também de Planalto Rural, o agricultor Hugo Rafael Leal de Souza afirma que, além de serem "penalizados" pela alta dos combustíveis e dos insumos, os pequenos produtores também sofrem com a perda do poder de compra da população, que, segundo ele, "ficou empobrecida e reduziu o consumo". "Além disso, quando aumenta a oferta das verduras e frutas, mesmo com o aumento do custo de produção, a gente não consegue elevar o preço dos nossos produtos", conclui.

Agricultores da região descarregam seus produtos na Ceanorte, em Montes Claros

> "Se a gente tiver que repassar o aumento do custo para as mercadorias, o povo vai parar de comer"

■ **Gedeon Martins de Souza**, pequeno produtor do Projeto Jaíba

> "Antes do aumento (da gasolina), eu gastava R$ 200 por semana. Agora, gasto R$ 300 com transporte"

■ **Gilmar Pereira Silva**, agricultor em Planalto Rural, Montes Claros

Sem poder de barganha, pequenos sofrem mais

O agrônomo e consultor Pierre Santos Vilela, do Sebrae Minas, afirma que o reajuste do preço da gasolina tem efeitos em toda a cadeia produtiva e pesa mais ainda para os pequenos agricultores. "O aumento de combustíveis impacta toda a cadeia produtiva, tanto antes da porteira, por causa do aumento dos insumos, como depois da porteira, quando os agricultores saem para comercializar a produção. Então, há aumento do custo de logística também", observa Santos Vilela.

"Naturalmente, quando o pequeno agricultor sai de sua propriedade para transportar a produção, ou quando um comprador chega à sua propriedade para buscar a mesma produção, ele (o produtor) arca com o custo para que seus produtos cheguem até o mercado consumidor. Este é um custo perverso, que acaba minando a lucratividade das pequenas lavouras", observa o especialista.

O consultor do Sebrae Minas lembra que os pequenos agricultores são mais dependentes dos intermediários e do mercado varejista dos municípios onde exercem a atividade. Por isso, têm mais dificuldades em repassar o aumento de custos para os preços das verduras e frutas que produzem. Ele lembra que os agricultores familiares também pagam mais caro pelos insumos agrícolas por adquirir quantidade menores dos adubos e defensivos, sem ter o mesmo poder de barganha e de descontos obtidos pelos grandes produtores.

A professora e economista Vânia Vilas Boas, do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), salienta que a alta dos combustíveis "afeta todos os custos logísticos", sobretudo, em relação ao transporte. "Quando tratamos do agronegócio, vamos verificar que há impactos em todas as camadas produtivas, desde os pequenos agricultores aos produtores de porte mais elevado. Além do transporte, sabemos que na produção agrícola utiliza-se muito dos combustíveis no manuseio de máquinas e equipamentos", observa.

COOPERATIVAS A economista assegura que, de fato, os pequenos produtores têm dificuldades para repassar o aumento do custo do transporte para seus produtor por causa da sazonalidade. "Existem períodos de grande produção de determinados produtos. Nesses períodos, como tem muita oferta do produto no mercado, o preço cai. Neste caso, o pequeno produtor, que normalmente não tem diversificação da produção, acaba ficando no prejuízo, sem alcançar uma rentabilidade que possa cobrir os seus custos", relata a coordenadora do IPC/Unimontes.

Ela diz ainda que uma estratégia para o pequeno produtor minimizar os custos do transporte e não ficar na dependência de atravessadores é recorrer ao associativismo. "Os agricultores devem se filiar a uma cooperativa, onde possam entregar seus produtos sem a necessidade de deslocar para locais distantes e, assim, reduzir o custo logístico", recomenda a economista.

Copyright © Clipclap 2025.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Economia **Pagina:** 8 e 9

Copyright © Clipclap 2025.